

ASSIGNATURAS
Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

O PENSADOR.

PUBLICA-SE

Tres vezes por mez, nos dias
10, 20 e 30.

ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

—Uj pu non sume pnyat barbantus, et circumdramm, sumi ventalatram,
a supetit hantibus, in articulo ad circumdramm errois.
S. Paulo, offitipolo, Cap. V, e. 15. Epitroso J

Maranhão, 10 de Maio de 1881

Propriedade de uma associação

O PENSADOR.

MARANHÃO, 10 DE MAIO DE 1881.

Os nossos advogados.

Uma das provas que temos para atirar nas faces cynicas e descariadas da gazeta catholica, de que não somos pasquinheiros, é o grande interesse que por nós tem tomado tres dos mais distinctos e illustres advogados desta capital. Prova isto a grandeza da causa que defendemos, que é a causa de todos, porque é a causa da liberdade.

E a mesma gazeta chama-nos maltrapilhos da imprensa? Quem é maltrapilho da imprensa tem por si a opinião publica?? Póde viver cercado das sympathias do povo?? Quem é pasquinheiro póde apresentar-se nos tribunales, assumindo a responsabilidade do que disse, e brado como advogado tres cidadãos distinctos e de importancia na nossa sociedade?? Tartufo, nós te desenpanham, porque a mentira e a calúnnia são para ti, o que a força é para a materia, isto é—uma coisa inerte.

Dito isto, passemos ao que nos interessa.

A audiencia de quinta-feira passada esteve imponente. A pozar da muita chuva, a concurrencia foi immensa. As salas do edificio estavam cheias das melhores pessoas da nossa sociedade. Um ou outro beato de casaca se distinguia entre a multidão.

Tratamos da defesa. Fallou em primeiro lugar o Dr. Martiniano Lapenberg. Na sua defeza escripta, o illustre advogado fez uma importante analyse dos principaes factos que se têm dado nesta diocese, depois da chegada do conego Monção, esse reaccionario temoso, que nada mais deseja do que ter o nome de um Dupanloup ou Luiz Veuillot, o que nunca alcançará; pois está tão distante d'elles como o sul da terra. Na defeza oral, o talentoso advogado, com o seu verbo incisivo e elevado, mostrou a luta reuñida e sem treguas dos dois principaes do mal e do bem,—isto é a guerra terrivel e constante do anjo das trevas que temo os firmans e a batina d'um padre e do anjo da luz que se chama Voltaire.

O illustre advogado citando o nome do grande philosopho, mostrou claramente que o comprehendia, isto é, que estava ali, n'aquelle tribuna, não por um sim-

ples interesse material, e sim protestando, em nome das luzes deste seculo, contra o clericalismo que, atrevido e audaz, põe por toda a parte barreiras ao livre pensamento.

Compreender Voltaire é trabalhar pelo interesse geral de todos. Voltaire, cuja memoria tem sido o alvo de quanta calúnnia é capaz de produzir o Vaticano, foi o homem que mais prejuizo causou ao catholicismo romano. Ser prejudicial ao catholicismo é ser util a liberdade.

E, fallamos com franqueza, ha no Dr. Martiniano Lapenberg, um ponto de semelhança com o grande philosopho, que é o—riso.—O Dr. Lapenberg, assim como Voltaire, não pode contemplar o burlesco sem que dos labios lhe rebente uma risada. Do riso de Voltaire brotava luz, illuminava. Por isso não se condemne o sabio escriptor e nem tão pouco o illustrado advogado, que se manteve na posição de um homem talentoso, advogado a grande causa da liberdade.

Em segundo lugar fallou o Dr. Jansen Matos Pereira. Em genero completamente differente do illustrado Dr. Lapenberg, o Dr. Jansen Matos ergueu-se, em sua defeza, a tão elevadas alturas que só com a admiración podemos medil-as. Outra causa não poderíamos sentir ao contemplar o condor que, arremessando-se, sereno e soberbo, no espaço, voo e via tão alto que parece deixar de voar.

A sua defeza, dotada de muita philosophia e muita logica, escripta n'uma linguagem clara, elegante, tendo as vezes a gravidade propria da questão, outras, o enthusiasmo de quem defende a causa santa da liberdade de consciencia, a sua defeza, repetimos, firmaria, e d'uma maneira solida e inabalavel, a reputação do distincto advogado, quando outras recommendações não tivessem elle.

Havia momentos que, arrebatando o auditorio n'uma torrente de enthusiasmo, tomava as proporções enormes de uma coisa fabulosa, de um deus. Parecia-nos um Nagara, ou então um vulcão da cordillera dos Andes a abalar a terra e a soprar fogo na face do céu. E nos, com os ouvidos attentos, as respirações hantadas, tinhamos os olhos fixos na tribuna, que se nos assemblava uma montanha, do cume da qual se via a posteridade admirada.

O talentoso Dr. João Henrique Vieira da Silva prometten apresentar a sua defeza mais para adiante. A sua robusta

intelligencia e seus profundas conhecimentos sobre jurisprudencia, desde já garantem um importante trabalho, que estará n'altura do seu autor.

O manifesto do Clero maranhense.

Contração-se-nos o coração com a leitura do manifesto do Clero maranhense. Como é possível que entre tantos padres, não houvesse um só com a independencia precisa para reagir contra os desmandos d'esse perigoso impetudo, que tanto e tantas vezes os têm humilhado!! Como é possível que sacerdotes aqui nascidos e geralmente estimados firmanssem, embora em um momento de franqueza, semelhante documento!!

Realmente causa pasmo e commiseración.

Que o Clero maranhense se jantasse para attestar as virtudes hvidudas do seu boloniu pastor, explicava-se por um excesso de consideração, mas que esse mesmo Clero assignasse um manifesto, onde se insulta, embora por allusões covardes, até o PENSADOR! é o que não tem explicação.

Pois o PENSADOR que foi sempre a sentinella avançada dos vossos direitos, postergado pelo bispo; o PENSADOR, que foi o primeiro a censurar o bispo quando desprezou velhos sacerdotes para distinguir formigas; o PENSADOR, que levantou a voz contra essa infame exaltação de dois illustrados sacerdotes, em proveito desse negro malhagre que tudo empolga, até as proprias orquídeas; o PENSADOR, que nunca atacou o clero e sim a sua vilíssima escoria, increua-vos isso??

Ah! padres maranhenses não sonhesteis o que haveis assignado!

O modo do ex-infamada—essa arma lacanica e colarde, não é bastante para justificar-vos.

Padres maranhenses vós não insultastes o PENSADOR, insultastes-vos a vós mesmos e nós vos lamentamos.

Fabrica de fazer conegos.

Com vista ao Excm. Sr. Dez.º proceres da da ciudad,

O Sr. D. Antonio Candido d'Alcarença, actual bispo diocesano, vai de dia para dia exorbitando das attribuições que em tão má hora, lhe foram confiadas.

O infeliz prelado depois de ter posto em pratica os desatinos que, a sua acanhada imaginação, lhe tem suggerido; depois de ter esgotado todos os recursos, embora reprovados, para realizar caprichos, que tanto desairam o caracter de Pastor: de pois de ter conseguido, por meio d'insultos grosseiros, jogados á face do povo, dentro das proprios templos, ser apupado e vaiado como qualquer burlesco artiquino, para dizer-se MARTYR! voltou as suas curtas vistas para um ponto mais elevado e com o despalante do um portu-machado exadio as prerogativas do governo imperial, abruñdo n'esta cidade, com uma sem cerimonia digna da mais severa repressão—uma FABRICA DE FAZER CONEGOS!

O padre Baunundo Alves da Fonseca foi, segundo noticiam os jornaes, o primeiro producto da fabrica diocesana: mas ainda não é tudo: Ao Rvd. padre Siphiciano Barboza Ferreira—, a quem o governo concedeu honras de conego, não quiz o prelado—myope, seguido nos informam, reconhecer como tal, dizendo-lhe que só elle, e não o governo podia conferir taes honras e que por isso esperasse quando elle se resolvesse a dar-lhas.

Que o nosso simporio bispo pratique isto e outras cousas mais, explica-se pela curta educação que recebeu, mas que os parasitas que o cercam, e se dizem formados por taes o taes acadennias, ignorem vergonhosamente as leis do seo país, a ponto d'exposrem á irrisão publica aquelle que deviam respeitar, é o que causa indignação e desprezo.

Que os bispos brasileiros não podem conceder honras de conego é facto discutido e julgado e a Resolução Imperial que em seguida publicamos a prova de um modo claro e positivo. E por isso pedimos ao honrado Desembargador Procurador da coroa que mande quanto antes fechar a fabrica do bispo diocesano.

BONNAS DE CONEGO E OUTRAS SEMELHANTES.

Consulta de 30 de Novembro de 1843.

Senhor. Dignou-se Vossa Magestade Imperial mandar, por aviso de 17 de outubro do corrente anno, enviar a serçáo de justiça do conselho d'estado sobre a questão que o reverendo bispo de Cayala suscita no seu officio de resposta de 1.º de julho, no qual expressa as principaes legaes de autorisação, que diz

FOLHETIM.

EPISTOLA

na veneranda conego João Tolo sem-tina Go-delhudo Marrano, do conselho de Sua Excellentia o Sr. d. Gercha, sabio eloquente e virtuoso priocida de Guine.

Por onde se espelha de um modo
Hay corações sus lejos á las libras,
Vidierndo en nal, desaperada,
Con choquitos, nos reganos e oprimos,
Zorrillo.

O aspecto del mal, solo d'apeta,
indica silustrancia tu no t'olletta.
Dante.

Se o dodo de um cantinho onde se esconde
Saudar um ceuobita a um sacerdote
Que as honras leve ter talvez do conde,

Se vos não t'atinda esse chivote,

Que a parta lá vos foi offerecer
Certo insolente rixador Quixote;

Dignai-vos de até mim hoje descer
Para dardes de amigo um só signal
A quem quer vossas graças merecer.

Pobre eremita sou de um ermo val;
Des artimanhas do demonio arteiro
Na sombra me abriguei de um palmeiral;

Como cocos durante o anno inteiro,
Bebe agua da fonte crystallina,
Durno na terra sobre um formigueiro.

Porem do dema a furia serpentina
Aqui mesmo não quer que eu viva em paz,
Em vão combato o mal que me anofina.

Livrai-me, padre meu, de satanz,
Vos que tendes vencido as tentações,

E triumphado enfim do dema andaz.

Eu quero receber vossas legões
E de ouvir a verdade ter a dita
Ra, vossos devotissimas serções.

Não recio encorar com jesuita,
Bicho que muita gente diz que teme,
E contra o qual levanta immensa grita

Diz um que a humanidade ainda geme
Ao lembrar a ruppeta, outro alança
Que a roupetta o spivon de vicio extreme.

Mettido nesta douda contradança,
Ora o instituto é bom, ora nocivo,
Sem que o valha o rigor, ou o alabanza

Quero crer que fui hom, cantativa,
Que derramou a luz ao mundo inteiro,
E foi de santidade exemplo vivo;

Que a cabeça abanou sempre ao dinheiro,
Foi humilde e mirou somente a gloria
De ser dos institutos o primeiro.

É mentira o que d'elle afirma a historia,
A historia a mais audaz dos embusteiros,
Si as mãos quizerem dar a palmaria;

A historia que não poupa ainda as feiras,
Exemplos de virtude e castidade
Quaes de Lorcão as santas companheiras;

Que chama inutil e ocioso o frade,
Que exora a Deus por nós, que o apalmas,
E alcança de egoista o pobre abbade.

Porem nos que a mentira detestamos,
Demos de mão, meu padre, a taes froutrias,
E unidos com denodo combatamos.

Emquanto exercem linguas viperinas

ter, para conceder o uso das insignias de honra, e a goza de todos os privilégios, honras, e immuniidades annexas a tal dignidade, a qualquer padre da sua diocese, quando houver por doutrina corrente lei, como estatuto, e plebiscito do poder administrativo, e *spiritualibus* para alisar e rigir boudellas novas, repartir e delegar de tudo quanto está incluido no seu summo accordo lo seus seus cooperadores no ministerio ecclesiastico, quando assim o exigir a gloria de Deus e a salvaguarda das almas.

Cum como base desta sua asserção, e autoridade legal, differença esp. de direito canonico; corroborando por fim esta sua autorizacao com o testemunho das respeitaveis preladros archebispo da Bahia, e bispo capellão-mór, e pateresses de varias theologas desta corte.

A serção reflectiu com um circumscrito allugão sobre tudo quanto contem este officio, os principios que cita, as consequencias que deduz, e a doutrina que pretende estabelecer. A serção conhece esse poder de instituição divina que tem os legitimos successores dos apóstolos, mas também conhece, e faz justiça quando acredita, que o reverendo bispo não ignora estar o exercicio desse poder ligado a muitas e diversas modificações; modificações que dezenove seculos de pratica tem urgentemente exigido, e que farão ainda, prudente, opportuna e legitimamente legisladas: sendo sem duvida utilissimas para o fim que o reverendo bispo aponta, gloria externa de Deus, e salvaguarda das almas; modificações que firmão hoje o direito canonico moderno, pelo qual se rege a igreja universal, que na origem da igreja brasileira dirigiu no grau mestre da ordem de Christo na administração do grau mostrador, de que fora legalmente incumbido, e que ao presente goza a Vossa Magestade Imperial como seu proprio administrador do padroado nacional.

O reverendo bispo se lembrará do que disse, em presença dos padres do sacro concilio tridentino em dezembro de 1563, ultima sessão, o emfático bispo thilart nazariano D. Innocentio Rogazonio, na sua eloquente oração:

Ha ecclesiastica vultaque gradus leges illo in vobis presertim sunt, ut tradito illis divinis ordinibus abstinere solitas ubique locis resisterent

A serção, Senhor, está convencida de que o reverendo bispo, reflectindo, conhecerá não terem nenhuma das citações, que faz, conexão alguma com a materia da sua preleção, de estar autorizado para dar todos as honras de cargo a qualquer de seus subditos, e portanto não podem ser fontes da autoridade legal que se allega.

A serção, Senhor, está convencida de que o reverendo bispo, reflectindo, conhecerá que é franco argumento para provar a autorizacao que pretende ter de dar honras de cargo aos subditos ecclesiasticos, ir buscar a tão distante esse summo poder de instituição divina, ultima recursa dos que não encontram apoio na autoridade e legislação ordinaria, dando assim força á duvida de ser doutrina corrente, e da não parte dos canonistas que talvez se recusem a compartilha-lo a dedução que faz.

A serção, Senhor, sustenta a crer que o reverendo bispo não repara que havendo no Brasil um supremo administrador do padroado nacional, possuindo autorizacao legal para prover as dioceses, as parochias, as cathedraes, e a estas de competentes ministros, aos quaes o direito reveste de expressas honras, e regalias, seja justo, útil e legal existir ao mesmo tempo em exercicio não outra autorizacao, que, não podendo dar os empregos, confira o uso das insignias, a goza de todos os privilegios, honras, e immuniidades annexas a esses empregos.

A serção abstenha-se de qualificar uma tal autorizacao, ao diz que, se ella existe de facto, será permitida ao bem e regular regimen da igreja brasileira, e a autoridade e o clero de Vossa Magestade Imperial. A serção repete estar convencida de que o reverendo bispo, reflectindo, conhecerá que a sua preleção é insustentavel na legislação actual, e irregular pelo de formar cabidos, e extravagante maneira de rescriptar *proshyleris*.

O reverendo bispo buscou então redigir sua preleção autorizacao com o pensar e pratica dos dois preladros, archebispo da Bahia e bispo capellão-mór, mas a serção não tem, relativo ao primeiro, mais do que o orzer do reverendo bispo, quem confessa ter nutrido o scrupulo em acreditar que o metropolitano do Brazil signa e pedisse tal opinão. Mas em quanto ao segundo, a serção sabe muito positivamente que não tem, nem pratica essa opinão, sendo a sua pratica recorrer a Vossa Magestade Imperial pedindo essas honras para com ellas serem concedidas a dignidade a que o bem das suas ovelhas, em tão extensas dioceses, exige que elle endoque em diversos lugares; sabe que o seu interesse, dando de facto por uma vez essas honras, fora tutelado pelo tribunal da mesa da consciencia e ordem; recorreu immediatamente ao Sr. D. João VI, e assim ficou praticado. Sem Lavourer partindo ao reverendo bispo o testemunho de cá bellão-mór.

A serção julga, por tanto, que a preleção do reverendo bispo de Cayala não é fundada nem em direito, nem na pratica da igreja brasileira. V. M. I. porém poderá atender ao que elle pede sobre a confirmação de que tem feito, se assim for de seu imperio e agrado.

Pago em 30 de Novembro de 1844.—Bispo da America—*Celso Maria Lopez Gama—Bernardo Pereira de Vasconcelos.*

AVISO

Rio de Janeiro.—Ministerio do negocio da justiça, em 24 de Janeiro de 1844.—Exm. e Revm. Sr.—Sua Magestade o Imperador dignou-se ouvir a serção do conselho de estado das negociações da justiça sobre a parte do officio de V. Exc. dirigido a esta secretaria de estado das negociações da justiça com data de 1 de julho do anno proximo passado, em que tratava V. Exc. da autorizacao, que suppunha competir-lhe, para escolher honras de cargo, e outras semelhantes mercês aos clérigos de sua diocese; e, conformando-se com a parecer da mesma serção, resolveu mandar declarar a V. Exc. que semediante autorizacao não se pode admitir, já porque as leis canonicas, que V. Exc. cita em seu officio, de maneira nenhuma abtem tal preleção, antes pela não parte se tem por fim sustentar a jurisdição episcopal de instituição divina para a collação de beneficcios, contra as preleções das leigos que não se contentavam com a apresentação dos mesmos beneficcios e talvez supponham-se autoisados para a colla delles; já porque as honras de cargo e outras mercês, tendo effectos manifestamente temporarios, e talvez nada de espirital, a vista que só nos soberanos compete conferir-las, como está prevenido na constituição do esta do. O que communico a V. Exc. para sua intelligencia, tendo de acrescentar, por determinação do mesmo Augusto Senhor, que elle deferirá como parecer conveniente ao bem da igreja e do estado a requerimento desse natureza, que por ventura lhe seja feito por clérigos benemeritos, (*) vindo competentes.

(*) E o padre Fonseca será quando muito um uso accretado, pois como militar desrepele a lei eacoverado, segundo dizem, contra seus superiores.

Contra nos o satânico furor,
E a vós vos fazem seduzir meninas,
Pelos ímpios oremos ao senhor,
Que á natureza dá o eterno vício,
E o malvado confunde a seu sabor.
A caridade ardente do *Maçoço*,
Do *Cereba* a constancia, a sapientia
Livrar-nos-hão de olhades e d'enguiço
Condemnemos as artes, a sciencia,
Filhos de Sstanax e do peccada,
Que dos homens nos rouba a consciencia.
Não temamos o alarma, o immenso brado,
Que solto contra nós esses sandens,
Que havemos dirigir a seu máo grado.
Temos de nosso lado o proprio Deus
Que em olhar todo o universo abraça,

E conhece quaz são os filhas seus.
Combatamos, meo padre, area por area,
Que tendo ao lado nosso a divindade,
Temos certo a salvar de Pedro a barca.
Embora nos esangue a impiedade,
Do martyrio no céu temos a palma,
Que nos hade vingar da iniquidade.
Não enremos do culpa imago d'alma,
Nossa gloria é maior, e coo so máo,
Maldita rousante... aqui so *catuba*.—
Confunde amar os filhas da mentira,
Que um dia ao jugo nosso hão de curvar-se,
Jugo que a humanidade já sentira.
É para a fe intacta guardar-se,
Hão de as pias fogueiras acender se,
Os tratos e as tarturas renovar se.

mente instruída com documentos de serviço, e por V. Exc. informada.

Deu ordem a V. Exc.—Palacio de Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1844.—Barão Bernardo Cascaes Lobo Sr. Bispo de Cayala.

O Exm. Sr. Dez. or. Chefe de Policia

Furiosa, como era natural, veio a gazeta padresca contra o Comarado Dezenbargador Chefe de Policia. Todos a esperavam assim e por isso a ninguém causou surpresa aquella porção do illis esportada pelas letinas penmas jesuíticas. Accessada por todos os lados, esmagada pela logira dos acudimentos, distinguish na face pela verdade, outro recurso não tinha essa immudidade clerical, senão o insulto cobarde e sem arma que nunca com incomparavel habilidade.

O Comarado Dezenbargador Chefe de Policia, collocando-se na altura da lei, não podia proceder senão do modo que o fez.

A sua informação, que tantas agouias causou ao Comarado Prefeito e attribuição, não é mais do que a conclusão logica das communicações que lhe ministraram, com independencia e imparcialidade, seus dignos subalternos, communicações que foram confirmadas pelo testemunho de cavalheiros, como Dr. Brandão, Coronel Vasco, Luiz Carlos e muitos outros que presenciaram o triste espectáculo, em que S. Exc. Rvdm. foi o protagonista.

Recitar a gazeta padresca e um trabalho injurioso, tanto mais quando os seus argumentos são deste jaez:

«O Chefe de Policia e parcial porque nunca apparece no subdito, em cujas boocas está a redacção do Pensador.»

Bismarkeanos.

«Que os padres de Santo Antonio não podiam ter capangas armados, porque o conflicto foi inesperado.» E no entanto a mesma gazeta diz em todos os seus numeroes anteriores que esse conflicto foi o resultado de um plano concertado de ha muito contra o bispo diocesano!!!

Bater um adversario que a cada passo traheça e se contradiz, como menfrosos vulgares, é uma tarefa ingrata e repugnante.

S. Exc. o Dezenbargador Chefe de Policia deve estar satisfeito com a censura da *«Gazeta»*.

Ser insultado neste seculo por essa gazeta e uma honra que todos devem dezejar.

Que credito podem merecer miseraveis coquetos que pregão o prestigio da autoridade e taxam de falsa a informação do brioso militar!!

Que coacção podem ter as palavras menfrosas de uma folha que sustenta descaradamente, a face deste publico que testemunha o facto, que o bispo diocesano não foi o promotor dos conflicto da semana santa!!

Que consideração pode gozar essa petulosa gazeta que tem como redactor em chefe o racionario Mourão, que já con-

tegor, a prova, a visada e o mesmo que fazer aqui?

Nada mais. Porque nem ao menos assumem a responsabilidade de seus actos.

A responsabilidade d'impresso

«Eu posso trazer a qualquer dos meus nobres collegas a redacção da *Citissima*, não ha um artigo injurioso, não ha uma palavra que se dirija a Pedro, Sanchão ou a Martinho. E não ha alguma vislumbra de offensas, porque não chamo á responsabilidade? De certo que não se apresentará um phosphoro, não de apresentar-se sacerdotes distinctos e illustrados, ha de apresentar-se um Dr. Mourão, um padre Fonseca.» Facto estas as palavras preferidas, na Assembléa Provincial, pelo Sr. padre João Evangelista de Cayala.

S. S. como padre, devia saber, melhor do que nos, que o brão, a dignidade, a honra, são cousas que nunca existiram no jesuita, pois elle é a negação completa de todo e qualquer sentimento bom, elevado e nobre.

Não pôde haver dignidade em quem espasca, sem direito algum, com a dignidade de catreia, isto é a consciencia.

O jesuita vive da morte moral que produz no homem. Tirando-lhe o direito de pensar livremente, rebaixa-o ao nivel do animal. E o jesuita não quer o homem, quer a besta. O homem pensa e pensar é reagir.

Eis porque disemos que no jesuita não pode haver dignidade alguma.

Parém, depois da leitura que fizemos, do discurso do illustado padre Carvalho, sempre esperamos, ainda que davidiosos, que a penita fosse capaz de ser homem de bem, ao menos uma vez.

Eis que é chamada a responsabilidade pelo Sr. João Manoel da Ganda a *Citissima*, orgão clerical. E, em razão do discurso do Sr. padre João Evangelista de Carvalho, todas esperavam que se apresentasse, como responsável, toda a redacção da *Citissima*, pois o artigo é editorial, em peso meos um Dr. Mourão ou um padre Fonseca...

Mas, contra a especulativa publicis, é apresentado, em audiencia, o authorographo, responsabilidade pelo Sr. conego Osorio. E, notese bem, o artigo era editorial, isto é a parte representante do jornal, em que toda a redacção é responsável, embora o artigo seja escrito por um estranho. E a redacção da *Citissima* compõe-se unicamente do Sr. conego Osorio?

Não, Diz-nos isto o primeiro numero do mesmo jornal. E porque não apresentasse toda a redacção para assumir a responsabilidade do que disse?

Este facto, comparado com o trecho do discurso que citamos acima, leva-nos a fazer as seguintes perguntas:—Sr. padre João Evangelista de Carvalho, onde está a dignidade dos redactores da *Citissima*, somente no discurso de V. S.?

Teremos papa-rei a intrometer se
Dos estados christaes, na paz, na guerra,
E cujo poderio ha de estender-se.
Veremos Roma donanar a terra
Vibrando a excomunição do Vaticano,
Com que vós assobberba, o povo aterra.
Não pode em nosso rei haver engano;
No mundo quasi igual a divindade
Devassa os penetros de Deus arcano.
E da terra a primeira protestade,
Liga e desliga com suprema imperio,
Sem que alguém lhe conteste a auctoridade
Soffra hoje, e certo, jugo e vituperio,
De um Cezar, que pisando o Quirinal,
Seus intentos envolve em um mysterio.
Mas si perdes o imperio temporal,

Que ha de revincular talvez muito breve,
Resta-lhe um moor poder todo moral.
Contra o qual o Inferno não se atreve
Por ser delegação de um rei divino,
Poder que a igreja catolica já manteve.
Si nus não fullecer constancia e timo,
O triumpho, meo padre, vos angura
Das vices do club gerónimo.
Eu que fe tenho em Deus e no futuro,
Sem querer com palavras illudr-vos,
Minha dedicação vos asseguro.
E a ha causa em que possa eu servir-vos
Achar-me-eis, com ser muito absento,
Na estrada de pé prompto a seguir vos.
O Goffo.

COLLABORAÇÃO

A Sentina padresca.

Como sempre pejada de insultos e de indignidades appareceu no dia 7 da corrente essa inmundicie clerical.

Um mandinho, ora injuriando, ora contradizendo-se, não sabe o espirito mais imparcial a que desajam os artigos da panfletaria jesuitica.

Respectam a dignidade de todos, ostentam dignidade e no entanto classificam de pilheria a responsabilidade a que os chamam o Sr. major João Manuel da Cunha e que lhe é facultada por essa feliz constituição, que o padre romão diariamente insulta e desrespeita.

Pilheria? Queriam redimir a facção, quizeram fazer rir, quando se trata de restabelecer o que, homens de letras e de dignidade, como o queixoso, devem sempre defender—a sua honra.

Não se lembram, porém, da comedia que ensaiaram em casa desse ordinario que constantemente é humilhado por esse obscuro actor das cartas vis.

Quando o sapientissimo Sr. padre Carvalho na Assemblia Provincial em um bellissimo discurso allianou que se apresentaria, assumindo toda a responsabilidade se a isso fossem chamados. Via De. Mourão ou na Fonseca, julgamos que effectivamente assim acontecesse.

A illusão, porém, desapareceu quando ouvimos dizer que o sr. conego Osorio Alhayde da Cruz era responsavel por um artigo editorial, em que a redacção deve ser solidaria.

A sessão havia em casa do ordinario deus esse resultado, e o publico agora fica com nosra sabendo que prophcias de jesuita são sempre mentirosas, nunca podem verdadeiras ou prováveis.

O discurso do Sr. padre Carvalho finalmente não produziu o effecto que se julgavam—fazer acreditar fora do Maranhão que esses dons padres teriam a coragem, pelo exemplo que lhes demos, de vir responder pelo que escrevem.

Os factos nos estão vingado. Já a gloria nos começa a snudar. O resultado do congresso presidido por S. Exc.º Rev.º não podia ser outro.

Dobrevi.

VARIEDADE.

Um Evangelista

(CONT.º FANTASTICO.)

Era noite. Um manto de trevas envolvia a terra. O cantar auulhado dos gallos mostrava que eram trez para quatro horas da madrugada.

Na superficie pedregosa de um das mais importantes ruas do Maranhão—o Preguiçoso—vogaava uma canoa, docemente impellida pela fresca brisa matutina. Nella viam tres homens—um branco e dous pretos.

De repente, rompendo por detrás de uma montea de berrys, que boiava á superficie d'agua, apparece uma canoa impellida fortemente contra a outra. Abalrotam-se. Esta, tomada de banda, não pôde suster-se com o choque. Virou e em tenel de prata cobre os seus trez tripulantes.

Apparece á tona d'agua um corpo agonizante.

—Socorro! socorro! clama elle no arago do desespero.

Ninguém, porém, lhe responde. Só se ouve ao longe o renar ligeiro da outra canoa que foge.

Dentro d'ella iam tres homens—dous remeiros e um individuo sentado á popa e envolvido em longa vestimenta preta. Este era o conductor da freguesia. Chamava-se João.

João, em pequeno fira um verdadeiro garoto. Vagnera pelas ruas da capital, sem

emprego e sem occupação licita. E aludiam alguns—gostava de fazer tudo leve no alheio.

Com estes precedentes, que futuro podia João aspirar?! Todos lhe conheciam as manhas; e por isso o evitavam.

Nestas condições, João pensou em fazer-se padre. Foi uma feliz idea. O garoto, o larapio, daria um pulso de chapela.

E João metten-se em um Seminario. Carosão as humanidades. E, por artes de heriques e heriques, consegue a nomeação de conductor de freguesia das Barroquinhas.

Chegado a freguesia, João dispoz-se a alcançar posição, crear nome e sobredito de ajudar dinheiro. Sua? o dinheiro era o seu ideal. Quaesquer que fossem os meios, quaesquer que fossem os obstaculos, havia de alcanca-lo. João o jurara aos seus dentes.

N'aquelles tempos, a politica agitava-se febril, com todo o seu cortejo de corrupções. Que optimo theatro para João! Que bella occasião para elle alcançar o que tanto almejava—som e dinheiro!

João resolveu-se, pois, a alistar-se em um dos partidos militantes da politica. A qual delles, porém, se acollhia? A resposta não foi difficil. Governava o conservador. ... João fez-se conservador.

E João prestou importantissimos serviços. Ninguém lhe levava vantagem em lreias politicas. Quem, com elle, forjaria uma duplicata, agitaria um mezario, falsificaria uma acta?!

Com taes elementos, com taes boas disposições para a politica, impossivel seria que João não fosse aproveitado. Elle occupou todos os cargos politicos. De soldado, tornou-se capitão.

Aproximava-se o dia em que hada de ser ferida a campanha eleitoral. João, com um capitão, preparava os seus planos de combate. Os dous partidos politicos eram eguaes em forças. Para nenhum dos lados pendia certa a victoria. João, politico fino e sagaz como uma raposa, pensava em tudo isto. Elle queria vencer. Não podia vir-lhe algum proveito. ...

De repente, um pensamento atravessou-lhe a mente. E elle surrio! ... Lançou mão da penma e escreveu um bilhete concelhado, pouco mais ou menos, nos seguintes termos—

«Am.º major F. ...

«Como sabe, o partido liberal dispõe de forças iguaes ás nossas. Um exercito sem chefe não pôde vencer; o coronel Fagundes tem de atravessar, esta madrugada, o rio Preguiçoso; poude á minha disposição dous homens decididos e em encargo-me do resto.

«Estima e saude.
Seu am.º e corr.º
João.»

O chefe a quem era dirigido, o bilhete, resolveu a não perder o pheto, accedendo ao pedido de João. Este, acompanhado de seus dous auxiliares dirigio-se ao rio. Embarcaram-se todos em uma canoa. Ocultaram-se em uma montea de berrys que boiava na margem opposta.

E o resto foi o que já sabeis! ...

O partido conservador venceu.

João ganhou nome. A elle era devida a victoria.

Em paga de seus serviços, alcançou elle a nomeação de cura.

João ainda hoje vive. Depois de cura, fez-se liberal. O partido conservador deca-lhe um posição independente. Elle ia explorar o outro. ...

A custa das maiores baixezas João conseguiu o que tanto almejava—som e dinheiro.

Foi considerado influencia do partido liberal. Dizem até que occupara um lugar na deputação provincial! ...

João dispõe de uma solida fortuna. Mais feliz do que outros, especulava com a politica. O que elles gastavam, João ia guardando; e auxiliado pela sua

Secreta, no seu negociinho de carrado, conseguia amontoar grossos capitães.

Eis o retrato fiel do jesuita. Eis como está classe infeliz, desprotegida, que somente faz o bem, ganha—som e dinheiro.

Alerta garotos! alerta larapios! tomai a roupa.

Um futuro premio de felicidades vos aguarda.

Hugo d'Aguiar.

ECHOS DA RUA.

Apezar da solemne declaração do padre Carvalho n'Assemblia provincial—de que os padres MOURÃO e FONSECA assumirão a responsabilidade, se a gazeta padresca fosse chamada a juizo; apezar de mil outros protestos quixotescos feitos na mesma gazeta: apresenton-se responsável pelo artigo EDITORIAL, que injuria o digno Apudante de ordens, — O RAZINHO OZORIO!

—E são estes os honros que tanto falão em dignidade e imputação moral! Coitados ...

O periposo impartido, esse vilão ruim que insulta impudentemente a brzoa população d'esta cidade, fugio, qual vil laçao, á responsabilidade de seus escriptos, mandando por si um pobre TESTA DE FERRO!

—Então, é em não é o tartufo só valente com as orphãs?!

O digno major Cunha vai arrancar os TIGRES p'ra fora da jaula e expol-os á irrizão publica.

—O Pensador o proclama por isso benemerito da humanidade.

A sentina padresca disse, tratando dos conflictos de Santo Antonio, que isso era um facto premeditado de ha muito contra o santo prelado: e agora no seu n.º 38, defendendo-se das accusações da Policia diz:—como podiamos ter capangas se taes deserdados não se podiam prender!!!

—Mentir assim nem na Barroica.

O Exm.º Dez.º Lacerda é acoinado de parcial pelos biltres do Santo Antonio só porque ha pouco tempo, quando ainda não era chefe de policia, mudou-se para o sobrado, em cujos baixos temos desde o 1.º numero a nossa Redacção.

—Ser burro assim já vale a pena! ...

A' vista do pedido d'Antonio do Prado e Chico Maia, de Pernambuco, publicados na Sentina padresca, vamos qualquor dia recolher-nos ao red.º de D. Geriba.

—Ora quem havia de dizer que esses passalhões nos converteriam?!

Diz-nos a Voz n.º 38 que o gaúto D. Geriba vestio no dia 1.º o seu rico vestido novo de gorgurão bordado e que estava muito chic.

—Podéra, se elle e fio honellido! ...

Diz a última Cereba-o-cão que o gaúto D. Geriba no dia 1.º cantou lindissimos soltos.

—Se elle, em vez de cantar soltos, solhasse seria mais proveitoso á sociedade.

Diz a gaúta Voz n.º 38 que o vestido novo de D. Geriba e o mais bonito do Maranhão!

—Não é só o vestido, e o collo tambem.

João Evangelista—o lupo—disse no seu pomposo discurso que a parte 85 da sociedade estava com elle!

—E a parte SEVERA com quem estava?

O Rev.º Carvalho, que tão eneravillado tem sido pelos jornaes, disse em um aparte que o padre Baptista não insultou o povo, no sermão do excoctno! ...

—Depois da celebre theoria da loda enca se antes curta que a recta, damos sempre um desconto de cento por cento nas affirmativas d'esse santo varão.

O Rev.º João disse, ha tempos a um antigo, que não acreditava no sacrificio da missa e que as dizia pelo mesmo motivo por que o sapateiro faz botas.

E hoje é um fervoroso crente! ...

—Este João é das Arabias.

O primeiro artigo da Cereba-o-cão n.º 37 traz informação escripto em m e surpresa—dous vezes—com o e os redactores são todos abios.

—Elles agora não de dizer que o artigo é de D. Geriba.

So Pareza—autor das pitulas geribias, disse todo infano que elle ainda não tem as honras de conego porque não quer, pois Sua Rua, já lhas offerecen.

—So Pareza fez mal. Por que antes conego mal feito, do que Moyzês Tude.

O gaúto D. Geriba reprehendeu m sacerdote pelo crime de tocar flauta e no entretanto toca corneta como todos sabem!

—Este Antoinho é um parvo ás direitas.

Disse a Cereba-o-cão que o padre Fonseca não está preso pela BARRIGA ao Quartel.

—Isto com certeza é mentira, porque aquelle pobre sacerdote nunca teve BARRIGA, entado.

Bristol—o grizalho capitão Bristol, depois da partida do sympathico João Afonso, anda mais lepado e allucio.

—Não te rias tartufo que cá ficamos nós.

Diz a Cereba-o-cão que o gaúto D. Geriba ha-de levar por diante a sua luta contra a impiedade.

—Toma enludo Tonico, olha a foto do Bispo! ...

Movimento dos templos. Santo Antonio na sexta-feira ultima:

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes: Beatas vulgares (44), Ditas da pipueira (18), Theosourea grande (4), Zeladora longa (1), Grande chefe das pagex (1), Seo pausinho facta-bies (1), A pacarivã cascada (1), Jesuitas ordinarios (2), Carinhos diversos (18).

NB. So Pareza rende e nha Poly tambem.

Saia Pompabone.

CHRONICA.

Neste instante deu meia noite. Acabamos de chegar de uma limitada reunião, onde serviram-nos uma chavena de café e um charuto da Bahia: demos uma vista d'olhos pela caixa do theatro—dous dedos de palestra ao Sampaio, uma proza aos artistas e cá estamos: muito mais dispostos a nos metter na rede, do que a rubiscar chronicas.

A rede! Ah! como ella nos observa á dous passos, com tanta ternura? como ella nos estende os braços invisíveis, e nos atralhe docemente para si!

Mas o implacavel espectro do dia 10 ergue-se entre nós e ella e diz-nos com uma voz terrivel—Anda p'ra ali, ó typo! e despeja uma chronica! escreve alguma coisa! vamos! sei que passaste o dia inteiro a trabalhar e que deves ter o corpo moído, mas com isso é que o publico não tem nada! vamos! Amanhã ás 6 horas é preciso que os teus autographos estejam na typographia. Então?! acende um charuto e mãos á obra, que não tens muito tempo.

—Nós, com uma voz sinistra—E o publico, ó terrivel dia 10! o publico! essa antiquilha de não gosto, amanhã tomará *O Pensador*, lerá a chronica e dirá—Pois quem escreveu isto não tinha em 10 dias tempo de sobra para escrever coisa melhor?!

—O espectro assentando-se ao nosso lado—E o que l'importe o publico?! Deixemo-nos de politicca e escreve! Olha para essas tiras brancas, de papel ordinario—tens de enche-las! Vês aquelle tinturico de vidro, que ha poucos dias te mandou a mais interessante de tuas amigas? pois heu; aquillo é o bebedouro da tua penna—ella hade ir com uma agilidade de passapo beber repetidas vezes a tinta que lá está.

—Vamos! dá de beber a tua penna! que isso é má obra de misericordia!

O que te falta então? Vamos lá—abre a tua gaveta dos typos e fal-os saílar para a rampa de tuas chronicas, Eil-os que se enfileiram para entrar em scena. Vê como estão pallidos e abatidos! como parecem repuxados por dentro por uma força invisivel. Pobres typos—estão muito estafados, muito safados! Olha como aquelle pobre diabo já tem a batina poida dos puxões que lhe dás—aquelle outro como está gasto do uso! Oh! com effeito, para pouco mais servirão estes tyteres! E' preciso pelo menos pintal-os de novo e vestil-os com outras roupas. Mas enfim desta vez servirão no estado em que se acham o publico que tenha paciencia, porem não os podemos restaurar!

E a ouvir estas palavras, nós vergamo-nos sob o tedio e lateamos a penna—é preciso escrever, é preciso contar ao leitor o que se passa commosco. Sentimos repugnancia em tocar com os dedos nos miseravéis marionetes de que dispomos para divertir o publico, mas temos de tocar. Ah! se poderemos fazer da penna uma tonaz! si pudessemos ao menos esperar com ella a barriga destes miseravéis bonecos e expol-os u'uma taboleta, como se expõe um galfanhoto secco.

Mas não! Temos rigorosamente de emporcalhar a ponta dos dedos—temos

de fallar na sucia! não lhe podemos exclamar com um bocejo—Oh! seus fúbricas! rum! despachem o bocejo! E aviar, que temos mais o que fazer!—queremos dormir, ó trincas!

Afastemos o reposteiro.—O que vê o leitor?!

—Uma sala de bom tamanho cheia de gente. Sabe o que aquillo é?—E uma audiencia criminal. Vae se discutir a responsabilidade d'*O Pensador*. Um homenzinho serro de carnes acaba de tomar assento em uma cadeira de braços—ó o juiz. A direita tem o advogado do queixoso e a esquerda o escrivão da Fazenda. Como elle, o juiz, está puxado, coitadinho!

Do lado da janella está o Toto, sempre a collar o cawaynac, e destacam-se varios vultos indifferentes. Um velhote de cara raspada passa de um lado para outro e parece que está alli para substituir o sujeito que dava os ares de São Silvestre.

O povo invadido já totalmente as galerias e os corredores. Ha menos gente do que na sessão passada, como julhadamente disse a *Civilisacão*. Vae porem uma grande chuva lá por fóra, como julhadamente não disse a *Civilisacão*.

Corre um rumor de impaciencia na massa do publico—os advogados acabam de tomar as suas competentes cadeiras: o relógio da Sé dá a badalada do meio-dia; a figura da justiça olha do alto da parede para a moldura de seu quadro; em quanto na rua bate sonoramente a agua nas calçadas de cantaria.

Está aberta a sessão. Trata-se em primeiro lugar de deliberar que o advogado do queixoso póde usar da palavra na audiencia de seu constituinte.

Nestas circumstancias o supra dito advogado declara não accitar a responsabilidade apresentada pela parte contraria, e os nossos advogados não tratam de provar que estamos no caso de servir, porque para elles merece toda fé a responsabilidade do proprio autor do artigo; visto como o supposto crime do accusado fô praticado em causa propria, isto é, em replica as injurias que juntamente com o povo recebeu do padro Baptista.

Depois disto o sr. dr. Agosilao presta um juramento como representante do queixoso e procede-se logo ao acto de qualificacão do rio.

Em seguida o seuhor juiz faz a leitura da queixa formulada pelo senhor padro Baptista, no fim do que é concedida a palavra ao nosso digno advogado sr. dr. Antonio Martiniano Lapenberg.

Ha um sussurro sympathico—indirictam-se os corpos nos logares e protegem-se as orelhas com a mão aberta para não se perder uma palavra. O sr. dr. Lapenberg principia pedindo silencio ao publico e explica que precisa fazer duas defezas—uma escripta e outra oral.

Terminada a primeira entre os melhores applausos, principia o illustre advogado a segunda—é um anathema terrivel contra o jesuita—é um ferro em brasa, ao contacto do qual ouve-se chiar a carne gorda da barriga dos velhos conegos, hydropegos.

O publico vae pouco a pouco senlindo a onda enorme da indignação tomar-lhe a garganta—sente-se um murmurar de desensofrido que annuncia as grandes tempestades populares.

Nisto porem o juiz mede o perigo, e, a pretexto de que não podia consentir que o advogado se afastasse do assumpto da defeza, corta a este o fio do discurso e pode que restrinja suas palavras—o advogado torce o nariz á semelhante imposição e declara—ou fallar com plena liberdade ou então calar-se completamente. O juiz insiste, e o sr. dr. Lapenberg retira-se da tribuna, declarando energicamente não sancionar com a presença semelhante illegalidade.

O povo irrita-se—quer continuar a ouvir, porem a vista da imponente figura do sr. dr. Jansen Mattos que se acabava de erguer, contem-se e presta ao novo advogado toda attenção.

Foi então que todas as pessoas presentes na audiencia ouviram a peça brilhante de eloquencia que é hoje conhecida do publico. Foi então que o sr. Jansen Mattos apoderou-se de todos os corações para fazer d'elles um trophéu glorioso de suas victorias. Os applausos reboaram, as manifestações tomaram um caracter frenetico, *O Pensador* tinha amarrado no tope de seu estandarte mais um ramalhete de perolas.

Convem declarar que o Sr. Dr. João H. V. da Silva não fallou, porem que sua defeza será apresentada em tempo competente.

Do que fica dito a respeito da audiencia lavrou-se um termo, contra o qual protestou o sr. dr. Jansen Mattos na parte em que rezava elle haver o distincto sr. dr. Lapenberg se afastado do assumpto da sua defeza. O juiz accitou a reclamação.

Seguiu-se o inquerito de testemunhas. Não se terminou a questão, porem ella em breve terminará—o publico que espere, que espere com toda a confiança na grandeza de nossa causa, na rectidão dos juizes e na defeza esclarecida de nossos distinctos advogados.

O leitor ficou sem duvida surpreendido do nosso grande tedio.

Com effeito a melhor vontade, a melhor disposição sacodia-nos na crise que atravessamos e atraira com nosco aos acontecimentos que ultimamente nos agitam. Mas de repente sae da situação uma bafurada pestilenta—era o halito da infancia e da miseria.

Dantes escreviamos estas chronicas alegremente, hoje tipamos o nariz quando temos de tratar dos jesuitas. Porcos!

Dantes ia-mos para a luta, cantando alegremente a marcelheza, levavamos na mão uma penna e no coração a idea da liberdade; hoje, vamos tristes e mocambusos e só levamos um vidro d'agua da colonia. Porcos!

Sabiamos que elles, os roupetas, eram velhas e hypocritas, mas nunca pensamos que levassem o aviltamento ao ponto que levaram. Porcos!

—Fallavam todos os dias em coragem e independencia! e na occasião do perigo, quando o jornal é chamado á responsabilidade—fogem covardemente e deixam exposto ao perigo o mais fraco, o mais inexperiente, o mais novo, o menos mi-trado d'elles. Ah! Porcos de uma figa!

Não contavam que os levassem aos tribunaes, por isso que diziam emphaticamente pela bocca desdentada de um conego, que—si um dia fossem chamados

a responsabilidade, se apresentaria um dr. M. ou um padro C.

Ah! não lhe diremos mais os nomes, porque temos nojo! Diabo dos porcos!

Desde que o jornal delles foi chamado a juizo, o publico esperava avidamente ver surgirem esses valentes cavalheiros das trevas, embrullados nas suas capas de lustrim: emlava que lá ter defronte de si a traça inteira, a vertierar amaga-dores olhares de fogo, a cuspir faísca, a despejar raios olympicos.

Diziam uns que quem se apresentava era o B. (B. não quer dizer liso); outros diziam que era o C. M. (C. M. não quer dizer conego Mourão); outros afinal diziam que esperava-se um typo especial do Pará só para esse fim. Que esse typo, o terrivel, levava de, so com a sua presença e com esta... e dizendo isto arrancaria meia espada petrificar o auditorio, fazer tremar a terra e estalar a alubada celeste. Que o publico havia de ver? O adanastor do Pará, chegava como hoje e amanhã estavam todos reduzidos a pó. E nós sohavamos com o monstro—o gigante apparece-nos medonho e não, com a cor terrua e os dentes amarellos.

Esperavamos tudo isso! Talamos já desamparado a alma ao diabo! haviamos saltado a grande phrase suprema—seja o que for! quando...

Oh! pilléria! ó rhinfrin! ó porcaria! —nem gigante, nem B., nem C., nem coisa alguma.

Tambem montaria para tão pequeno rato!

Onde vocês se metteram, ó fúbricas?! onde se esconderam, ó espoletas?!

Deus! O Deus supremo! inspira-nos uma phrase, uma palavra que exprima bem, que ao menos de uma idea do tedio, do nojo! que nos fazem aquelles typos.

Oh! qu'ils sont betes, mon Dieu!

Partio no dia 2 deste mez para o Pará o nosso distincto comprouvictano João Affonso do Nascimento.

A respeito de suas qualidades e virtudes, a respeito de seu talento e de seu caracter já *O Pensador* teve occasião de fallar e nada acrescenta.

Somente affirmo que uma tal partida deixa-nos duas brechas—uma no coração dos amigos, outra no movimento intellectual desta provincia.

Como amigo dedicado e como trabalhador bem intencionado, João Affonso foi sempre o melhor modelo desejavel.

Damos os nossos parabens á sociedade do Pará pela boa acquisição que acaba de fazer.

EXPEDIENTE.

Recebemos:

A *Pavilhão* (jornal da tarde) que se publica nesta capital e reapareceu nas lides jornalisticas, com maior formato e programma mais desenvolvido. A julgar pelos primeiros numeros, agorramos-lhe um futuro lisongeiro.

Nihilista. Baturité, provincia do Ceará; *O Capeta*, Nasareth, provincia da Bahia; *O Corumbense*, de Corumbá, provincia de Mato Grosso e *O Regenerador*, Nasareth, Bahia.

Agradecemos ás illustradas redacções e retribuimos á attenção que tiveram para commosco.

Maranhão.—Typ. de Frias & Filho por Imp. — Antonio J. de Barros Lima.